

A PROCELLARIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

DIRECTOR--JULIO RIBEIRO

EMPRESARIOS--J. LOUSADA & COMP.

Vitam impendere vero.— JUVENALIS.

ANNO I

S. PAULO, 1º de Maio de 1887

N. 11

ESCRITORIO DA REDACÇÃO — RUA DA ASSEMBLÉIA, N. 70. TYP. RUA DA BOA-MORTE, N. 14

A PROCELLARIA é uma revista de letras e sciencias; não se destina a collegios de meninas, a conventos de freiras: é de seu programma tractar de assumptos litterarios e scientificos sem reservas, sem falso pudor.

Prevenimos aos leitores de que começamos neste numero uma traducção de trechos do — AMOR DA HUMANIDADE — notavel obra de P. Mantegazza, professor de pathologia geral na Universidade de Pavia, presidente da Sociedade Anthropologica, senador do reino de Italia.

Como diz o proprio auctor — «O livro é audacioso; constitue, porém uma das mais importantes paginas da psychologia.

Esconder as chagas do coração humano em nome do pudor póde parecer virtude, mas, pelo contrario, é só hypocrisia ou medo.»

Em todo o caso o avlso aqui val em letra grada, na primeira pagina: — Cuidado, meninas, donzellas, innocentes creaturas! Sentido, tambem, adultos hypocritas e carolas! para vós este numero d'A PROCELLARIA tem peçonha.

SUMMARIO

Expediente	
Procellaria	REDACÇÃO.
Folia.....	»
Ethnologia.....	MANTEGAZZA.
Simples Reparos.....	J. FELICIANO.
Caçadas	D. J. P. SOUSA.
O Jaburú ou Túiuú... ..	A. LOEFGREN.
Registro	REDACÇÃO.
Publicações	»
De Nobis	
Historia do Brazil	
Agencias	
Annuncios	

EXPEDIENTE

Entra a PROCELLARIA em nova phase.

O favor com que o publico a tem distinguido anima-a a abalançar-se a um compromisso mais serio: passa a aceitar assignaturas.

Economicamente, em tudo e por tudo, é a PROCELLARIA propriedade dos abaixo assignados, com quem se devem tractar todos os negocios da folha, a quem se devem dirigir todas as reclamações.

Quanto á parte intellectual o programma é o mesmo exarado no primeiro numero: por contracto que fizemos com o sr. Julio Ribeiro continúa elle á frente da redacção, correndo por sua conta toda a responsabilidade legal e moral do que se imprimir.

O numero 12 apparecerá no Domingo 29 de Maio, continuando a PROCELLARIA de então em deante com toda a regularidade.

ASSIGNATURAS

Anno (serie de 50 numeros) 6\$000
Semestre (idem de 25) . . . 4\$000

Numero da semana, 100 rs., atrasado, 200 rs.

PAGAMENTO ADIANTADO

J. Lousada & Comp.

14 — RUA DA BOA-MORTE — 14

A PROCELLARIA

1 de Maio de 1887.

Terrivel se nos antolha o futuro, si não soubermos ter, si não tivermos de facto a mascula energia que kharacterisava os nossos avós.

Nós, paulistas, somos um povo chegado á idade viril: é tempo de sacudir um jugo de ha muito incomportavel, é tempo de mandar embora o tutor famelico que nos come as carnes, que nos suga o sangue.

Não lhe pedimos conta do passado: o que já foi, já foi. Queremos o presente, queremos o futuro.

O nosso interesse, o nosso direito, a nossa dignidade não comporta mais uma união lesiva e infamante com quem nos rouba no interior, com quem nos avilta no estrangeiro.

Egoista, frio, sceptico, sem patriotismo, sem pundonor nacional; abafando com dinheiro as exigencias dos fortes que não sabe repellir; arvorando internamente a extorsão em regra de direito para subvencionar a filhotada; operando conversões da divida publica que são verdadeiros estellionatos; *impondo* quasi emprestimos populares com reformas monstruosas de caixas economicas; adiando para as kalendas gregas a construcção do caes de que S. Paulo não póde prescindir; demolindo alguns edificios nossos historicos, como que para apagar-nos as tradições, e deixando que outros caiam por si de velhos; recusando-nos a parte ratinhada que deveriamos ter na distribuição dos vinte mil contos que nós mesmos annualmente pagamos; abandonando-nos a nós proprios em tudo e por tudo que não seja tendente a tirar-nos as ultimas gottas do sangue empobrecido—o governo central constituiu-se nos em feitor sem entranhas, do qual força é que nos libertemos.

¿ E porque não fazel-o ? ¿ Por-
que protelar o dia da manumissão ?

¿ Que laços nos prendem ao
imperio, ao centro, ao Norte ?

Com franqueza, com verda-
de — nenhuns.

Mesologicamente, ethnologica-
mente, genealogicamente nós som-
mos um povo á parte.

A chamada « Provincia de São
Paulo » com seus tractos immen-
sos de terra roxa de uma fertili-
dade inextinguivel; com seus
vastissimos *steppes*, que estão a
clamar por ovinos, caprinos e
bovinos que os povoem; com
suas minas inexgotaveis de ferro,
de hulha, de cobre, de ouro, de
prata, de tudo, a espera só e só
de uma exploração intelligente
para que jorrem thesouros; com
seus rios caudaes, tão piscosos
quasi como o mar — a chamada
« Provincia de S. Paulo » basta-se
a si propria, não precisa de extra-
nhos.

Nós, paulistas, bem como nos-
sos irmãos mineiros e parana-
enses, somos gente muito diversa
da gente do Norte, que nos go-
verna.

Temos tradições, temos habi-
tos, temos costumes — nossos
só — desconhecidos, incompre-
hensiveis até ao exrangeiro, ao
nortista.

Nosso sangue é outro — em
nossa maxima parte descendemos
da colonia fidalga que, em cir-
cumstancias especialissimas, fun-
dou, nesta capitania de S. Vicen-
te, Martim Affonso de Souza.

Fallamos, é verdade, a mesma
lingua que falla o Norte, mas
isso não tira e nem põe: o Bel-
ga falla Francez, e não é Fran-
cez; o Hungaro falla Allemão, e
não é Allemão.

O Norte esmaga S. Paulo: a
S. Paulo assiste o direito sagra-
do de revolta.

E é tempo.

Por mais que pullulem as no-
ticias officiaes sobre as melhoras
de saude do imperante, ninguem
ignora que o segundo reinado
já bruxoleia no occaso.

¿ Que nos trará o terceiro ?

¿ Que nos poderá advir a nós da
carolice intolerante da futura im-
peratriz, em união tremenda com
a avareza sordida do Orleans
consorte ?

Horrores.

A exploração, a espoliação ha-
de continuar, e em escala que
nem nós podemos prever.

Victimas e victimas ridiculas,
porque é ridicula toda a victima
que tem forças e dellas se não
servé, nós continuaremos na fai-
na para sustentar o centro, para
enriquecer o Norte.

O Norte foi em todos os tem-
pos governo, é governo, ha de
ser sempre governo.

A oppressão dos Paulistas,
grande agora — já incomportavel
— vai se tornar peor.

Não ha negar, o actual impe-
rante, por natureza ou por ma-
nha, é avesso a medidas violentas,
é prude te, mostra-se mesmo
magranimo...

A futura imperatriz, não. Por
trás de seu throno, entre sua ea-
beça de Bragança orgulhosa e
beata, e o perfil vulpino do Or-
leans ganancioso, já se pôde lo-
brigar a testa lisa, o olhar in-
telligente, astuto, do filho de
Loyola...

Vamos ser governados por pa-
dres, por um usurario e por uma
mulher...

E tempo houve em que nós
acclamámos um rei paulista, em
que nós expulsámos de Pirati-
ninga os jesuitas que a queriam
dominar...

¿ Não seremos mais os mes-
mos? ¿ Terá degenerado o sangue
dos velhos bandeirantes, que nos
corre nas veias ?

FOLIA

¿ A *Gazeta de... Capivary!*

¿ Seja pelo amor de Deus!

¿ Pois não é que o collega do sertão
tomou-nos a sua conta?

¿ Que teiró medonha tem elle á
nossa secção poetica!

¿ Chama-lhe *ridicula*, OBSCENA, NAU-
SEABUNDA... ; Aguentao-vos, manes
de Ovidio! ; Apanha para o teu taba-
co, Horacio de Carvalho!

O collega nutre intenções levadinhas
da breca.

Felizmente são só intenções: o po-
bre é innocenté. Arma á offensa, pro-
cura ferir, e só consegue... provocar
a gargalhada.

¿ Tambem prégar moral com um esty-
lo daquelles, com aquella correcção!

Ora vejam lá isto: « A ave das por-
cel... dizemos das procellas fez-nos, a
« *distincta* de dedicar-nos duas boas co-
« lumnas da sua muito selecta e auri-
« fulgente folha, a troco de quatro pa-
« lavras que dissemos a proposito das
« poesias *Rugir de Sangue e Corinnæ*
« *Concubitus*, publicadas em seu nume-
« ró de 9. »

E isto: « Injustica e cabelluda é
« pretender *algo* conhecer, melhor do
« que nós, o nosso paladar (na *Gazeta*
« vêm com *ll*) ou attribuir-nos falta de
« sinceridade. »

E ainda isto: « *Rugir de Sangue e*
« *Corinnæ Concubitus* não são de mau
« gosto; são nauseabundas. »

E mais isto: « *Corinna* é, apenas,
« devassa. E ás devassas não é que se
« deve a população do planeta. »

O *Times* de Capivary é despidoso, é
um vandalo, não tem dó do proximo.

Com aquelle serio fradesco, a impôr
a força pudor... tambem fradesco, e de
matar de riso.

O ultimo dos trechos que transcreve-
mos está soberbo, esta acima de tudo,
é uma delicia.

¿ Pois não se declara a endiabrada
folha em revolta aberta contra as leis
physiologicas seguidas pela natureza
no povoamento do planeta?

¿ Quererá que a fecundação do elemento
feminino se faça agora pelo systema ae-
reo de que fallam theoreticamente Plinio e
Virgilio, e que foi seguido *praticamen-
te* em Nazareth pela pombinha divina?

¿ Que parthogenesisista! E' de força.

Faz até lembrar um ditó de Camillo:
perguntado sobre o que pensava das
senhoras de uma certa cidade de Por-
tugal, respondeu o grande escriptor —
« Ah! é tal a honestidade dellas, que
até as casadas são virgens! »

Por mal de peccados, a *Gazeta*, depois
de tudo isto, escorrega e confessa que
anda pelas portas escusas dos bordéis
em cata de uma *droga* que ella conhe-
ce, e diz mais que quando encontra a
tal *droga* dá por *ella* até seis vintens!

¿ *Shocking!*

¿ Pois não dá mesmo mais?

Olhe, collega, essa vinagreira desa-
credita-o: pagar só seis vintens é qua-
si uma fintação.

¿ Seis vintens!

As donas da *droga* afinal perdem a
paciencia, e não lhe dão mais ingresso
pelas portas escusas.

E o collega ainda era capaz de que-
rer redução no orçamento: ; si a *cousa*
se cotasse a vintem, o collega com
certeza se lamberia de gosto, e daria o
vintem!

Diz o collega, em seu phraseado pit-
toresco, que estamos arrufado com a
sua estimabilidade: ; engano! nin-
guem se arrufa com uma creatura como
o collega.

O collega é uma preciosidade, é um
achado, é um desopilante incompara-
vel, é uma podophylina animal, é uma
cousa unica, vale o que pesa em ouro.

E demais tem a lhaneza de confessar
que dá a picholeta pela *Procellaria*,
que para tél-a seria capaz de sacrificar
até os tres vintens... os seis, os seis vin-
tens da tarifa. Quer aprender como
co, e manifesta esse desejo com uma
humildade captivante...

¿ Como deixar de lhe fazer a vontade?

Não é possivel. Fazemos-lhe a vontad-
inha, fazemos; mandamos-lhe a *Pro-
cellaria*, vamos mais longe ainda —
traduzimos para uso d'A *Gazeta*, para
que lhe sirvam de postillas na *apren-
dizagem* certos trechitos de Mante-
gazza...

Uns conselhos de amigo, de amigo
versado em physiologia, para termi-
nar, si os não leva a conta de desafiro:
— esse fingimento de pudor anakthro-

nico e intolerante é symptoma de estado pathologico grave: o collega está soffrendo de *exgotamento nervoso*.

Como regimen prescrevemos-lhe bifefes sangrentos, ostras, camarões, ovos molles, chocolate de cacau, pimenta, noz moscada, vinhos generosos, e, lá uma vez por outra, sua raizinha de gengibre, seu punhadinho de amendoins torrados; que tome banhos frios, que use de flagellação, de urtigação no perineu etc., etc.

Como medicina, aconselhamos-lhe os opiaceos, o ambar gris, a camphora, o phosphureto de zinco. Gantharidas, não; tem seu perigo: pôde produzir satyriasis, e o collega a soffrer disso não seria mais engraçado como é, seria horroroso.

Recommendamos-lhe, mais do que tudo, que se não deixe levar pelos pruridos da *pruderie* ao extremo de entregar-se a prazeres solitarios, de imitar o pandego hebreu, cujo nome anda hoje com um suffixo grego nos tractados de pathologia, e na bocca de todo o mundo. Cuidadinho...

Agora despedimo-nos, por emquanto, do collega, e rogamos que nos favoreça com duas columnasinhas de sua prosa irritada.

Não é preciso que se metta em trabalhos fatigantes de apuração de estylo; pôde vir mesmo como costuma a andar, sem cerimonia, em *menores*.

ETHNOLOGIA

O AMOR NA HUMANIDADE

OS ARTIFICIOS DA VÓLUPIA

O ampallang. — O Ouriço Chinez. — Guisos lascivos. — Cylindros Genitales. — Os Bisayos. — A Ilha de Ponapé. — Perfumes Eroticos. — Aphrodisiacos. — Extranhas Aberrações.

O psychologo naturalista não para detido pelo lodo humano: elle o estuda, porque tudo que é humano lhe pertence; o que está em cima, e o que está em baixo; tanto o sublime, como o abjecto. Só se pôde melhorar o homem depois de tel-o estudado sob todos os aspectos. A abjecção não se destrõe com declamações, com vãos hypocritas, mas sim com um estudo paciente e calmo de suas origens.

(Do Auctor.)

O homem, não contente com a volupia natural devida á simples copula, tem procurado augmental-a por meio de artificios numerosos e diversos, em os quaes sua imaginação tem-se excedido a si propria.

Já se sabia pelas relações dos antigos viajantes que, entre certas tribus das ilhas da Sonda e da Asia, guardava-se o membro viril de engenhos varios que augmentassem a sensação da mulher, mas geralmente taxavam-se de exageradas taes narrativas. Agora não é mais permitida a duvida, e Miklucho-Maclay deu-nos uma historia quasi completa dessas invenções extravagantes da luxuria humana.

Elle pôde examinar o membro viril de um Dajak, conservado no museu do hospital militar de Batavia. Glande e urethra são atravessadas por um canal artificial, sendo a peça anatomica muito reduzida de volume. A perfuração se faz por meio de uma agulha de prata. Nessa perfuração passa-se um instrumento que, durante o coito, fricciona fortemente a vagina, proporcionando uma voluptuosidade insolita. O instrumento excitador é uma haste muniada, em ambas as extremidades, de um buraco em que se passam cordas de modo a obter-se uma escova dupla. A haste é de prata, marfim ou latão. Parece que alguns Dajaks tem uma perfuração dobrada, talvez para usar dous engenhos excitadores, talvez para mudar a posição da escova voluptuosa. O doutor Steenstra-Toussaint certificou a Miklucho-Maclay ter visto o penis de um Dajak, furado de alto a baixo, acima do prepucio. Van Graffeu, de Batavia, o primeiro Europeu que fez viagens longas no interior de Borneo, communicou ao viajante russo muitas particularidades sobre este uso singular.

A operação só se faz aos adultos. Puxa-se o prepucio para trás, metta-se o membro entre duas talinhas de bambú, e, durante oito ou dez dias, fica elle coberto por pannos embebidos em agua fria. Então fura-se a glande com um pedacinho pontudo tambem de bambú, e introduz-se na ferida uma penna de pombo untada em azeite, a qual se renova todos os dias até a cicatrização.

Quando estão trabalhando e em viagem os Dajaks conservam uma penna no canal assim cavado. Quando querem copular tiram-na, e a substituem pelo *ampallang*. O *ampallang* é uma vareta de madeira, de prata ou de ouro, com o comprimento de quatro centimetros e a espessura de dous millimetros. Em uma das pontas tem uma bolinha fixa de agatha ou de metal, e á outra adapta-se uma segunda, quando o *ampallang* está no logar. Todo o aparelho, depois de arranjado, tem de comprimento cinco centimetros e de espessura cinco millimetros.

Por diversos modos, todos muito reservados, exprime a mulher a medida do *ampallang* que deseja. Ora esconde em um prato de arroz offerecido ao esposo uma folha de betel enrolada como um cigarro, ora com os dedos da mão direita, collocados entre os dentes, apresenta a medida. Ella tem direito ao *ampallang*, e si o homem não consente, pôde haver separação. Uma vez habituada a esse refinamento, as mulheres não podem mais prescindir delle. Durante o coito os homens procuram dispor o seu *ampallang* de modo que, introduzido na vagina, elle ahí se conserve transversalmente.

Só uma vez viu Van Graffen um Dajak que trazia dous *ampallangs*, um atrás do outro. Todos os mais só tinham um, e a perfuração era sempre horisontal e acima da urethra.

Riedel assegurou a Miklucho que ao norte de Celebes emprega-se tambem o *ampallang* sob o nome de *kambiong* ou *kambi*. É munido de dous cordões em suas extremidades, provavelmente para mudar a direcção do instrumento. Conta-se tambem que havia o costume de pôr ao redor da raiz da glande as pal-

pebras de uma cabra com os seus cilios, de modo a procurar mais volupia á mulher.

Em Java é tambem uso prender em torno da glande correias de pelle de cabra que podem ter alguns centimetros de largura. A's vezes enrolam o membro inteiro em uma especie de bainha de pelle de cabra, donde só sai a glande.

Um outro modo singular de tornar o membro viril mais agradável á mulher é fazer na glande algumas feridas profundas, e metter nellas pedrinhas. Uma vez curadas as feridas, toma a glande um aspecto encaroçado, e fica mais energica.

É um facto analogo áquelle de que falla Americo Vespuccio, segundo o qual as mulheres americanas faziam crescer artificialmente o penis dos maridos (1).

Na China tambem as mulheres não ficam abaixo dos Dajaks. Nos longos lazeres do seu captiveiro domestico, entregam-se ellas á masturbação, não sómente com o dedo, mas tambem com instrumentos muito refinados.

Os maridos servem-se muitas vezes do *ourigo* que Hureau de Villeneuve descreve em Latim na sua these sobre « *l'accouchement chez la race jaune* »:

« Hæc barba penna caule evulsin in
« annulum barbillas hirsutas extrinse-
« cus præbentem, volvitur, annulo clau-
« so, fila seynila argento tecta singulam
« barbilla ab aliis separant. Instrum-
« mentum tunc simile est millo aut col-
« lari clavis erectis munito.

« Hic annulus hirsutus in sulco, qui
« glandem et præputium interjacet,
« inseritur. Frictiones per coitum pro-
« ductæ magnum mucosæ membranæ
« vaginalis turgorem ac simul hujus
« cuniculi coarctationem tam maritis
« salacibus quæritatam, afferunt. »

Os Chinezes prohibem o uso do *ourigo* ás mulheres gravidas, mas ellas o empregam muitas vezes para abortar (2).

Nas obras antigas, nós achamos descritos artificios de luxuria usados entre diversos povos. Lê-se em *Hakluyt Soc. India, quinzième siècle*:

« Hac sola in civitate plurimas ta-
« bernas rei, quam joci gratia scripsi,
« ridiculæ lascivæque esse affirmat;
« vendi in his a solis feminis ea quæ
« nos sonalia, a sono, ut puto, dicta
« appellamus, aurea, argentea, ærea-
« que, in modum parvulæ avelanæ;
« ad has virum, antequam uxorem ca-
« pitat, proficisci (aliter enim rejici-
« tur a conjugio) exeta atque elevata
« paulum membri virilis eute, trudi in-
« ter pellem ed carnem ex his sonaliis
« usque ad duodecimum, et amplius,
« prout libuit variis circum circa lo-
« cis; inde cõsuta cute intra paucos
« sanari dies; hoc ad explendam mu-
« lierum libidinem fieri; his enim tan-
« quam internodiis, membrique tumore
« feminis summa voluptate affici. Mul-
« torum dum ambulant membra tibiis
« repercussa resonant, ita ut audian-
« tur. Ad hoc Nicolaus sæpius a mu-

(1) *Relations des decouvertes faites par Colomb, etc.*, Cologne, 1875, pag. 137.

(2) Dr. Abel Hureau de Villeneuve, *De l'accouchement dans la race jaune*, thèse de Paris.

« Iheribus, que eum a parvitate Pri-
« pi deridebant, invitatus, noluit dolo-
« rem suum aliis voluptati esse. »

Esta citação está de perfeito accordo
com uma passagem extrahida das via-
gens de Nicolo Conti :

« DO RIO E DA CIDADE DE ARA, E DE
UM AGRADAVEL COSTUME QUE NELLA
EXISTE.

Ahi achou elle um uso jovial; para
fazer rir não deixou de contar o que viu
e ouviu.

Ha algumas mulheres velhas, que não
têm outro officio para ganhar a sua vi-
da, sinão vender guizinhos de ouro, de
prata, de cobre, do tamanho de avellãs
pequenas, feitos com arte summa; e
quando um homem deseja uma mulher
ou quer se casar, ellas lhe arranjam o
membro, mettendo-lhe, entre o couro
e a carne, os taes guizinhos, porquanto
sem elles o pretendente seria recusado.

Conforme a sua posição social, elle
os compra de ouro ou de prata. As pro-
prias mulheres que os vendem levam
a pelle em muitos logares, depõem
dentro os guizinhos e cosem : em pou-
co tempo a pelle fica soldada. Alguns
chegam a pôr uma duzia, e mesmo
mais.

Os homens assim ornados gosam de
grande favor junto das mulheres, por-
que se ouvem os seus guizos quando
elles andam pelas ruas. Por vezes as
velhas instaram com elle Nicolo para
que se deixasse arranjar pelo tal modo,
mas elle nunca quiz consentir que ou-
tros tivessem prazer á custa de magua
sua (3).

(Continúa.)

P. MANTEGAZZA.

(3) Vide a carta de Americo Vespu-
cio em Ramusio (I, pag. 131) e Paro
(*Recherches Philosophiques sur les Ame-
ricains.*)

SIMPLES REPAROS

(A INCOHERENCIA DE NOSSOS HOMENS)

III

Uma das aberrações mentaes de nos-
sa epokha, é o dualismo philosophico
que se nos depara nas classes mais sa-
lientes da sociedade, onde estão os ho-
mens que viveram no passado e apavo-
ram-se com o progresso de hoje, com a
substituição das tradições, com o re-
novamento de tudo.

São homens entaliscados entre dous
estádios do espirito humano, são typos
de transição.

Estão impendentes para ambos os la-
dos, numa falsa posição que ha de ser
penosa, muito penosa para quem se não
amoldou ainda a taes exercicios.

A politica é o mais requintado exem-
plo desse dualismo philosophico de no-
va especie, que ameaça senhorear os
espiritos retardatarios ao sempre cres-
cente progresso das sciencias.

Os homens que recebem as ruínas do
passado, vão-se achegando ao presente,
vão olhando o futuro, e é nessa occa-
sião que dá-se um estado mental de
verdadeira emburilhada philosophica

Entre a magua de se desquitar do
passado e a necessidade de ter olhos no
presente, nossos homens pelejam, afa-
digam-se, escosem-se a golpes de lo-
gica por encontrar um meio termo, que
satisfaça o espirito hodierno e não des-
contente as exigencias do preterito.

Estabelecem então uma dualidade
do ser pensante.

Fazem uma operação metaphysica
muito subtil, muito conciliadora, mas
tambem sufficientemente exquisita, bas-
tante para contristar.

Num só homem ha duas personali-
dades : uma que olha o passado, outra
que considera o presente.

A primeira pode crer nas mais des-
temperadas phantasias religiosas, pode
admittir no mundo exterior as camba-
lhotas mais inverosimeis para subir ao
supernaturalismo theologico.

Pode mesmo denegar a existencia das
leis naturaes, perfilhando a instituição
dos milagres, pode aceitar a angelola-
tria como um culto a cousas reaes, po-
de ainda adoptar tudo o mais que lhe
apresentar uma theologia bastante pul-
verulenta.

A isto tudo chamam elles estar ele-
vado a um terreno superior, chamam
satisfação de uma necessidade innata,
que arrouba o homem e o exalta ao so-
brenatural.

A segunda personalidade, porém, não
se julga em incoherencia pregoando
em sciencia os principios que mais
fundo destroem suas crenças do passa-
do.

Quer pertencer ao nosso tempo, quer
andar com as sciencias, constituindo
assim outra parte do ser completo — a
parte que *raciocina observando*, diver-
sa da primeira que *cré phantasiando*.

Eis o homem do presente :

1) Em mathematica : admittirá a
theoria das forças e dos movimentos,
tendo já admittido um supremo motor,
que aqui appareira-se com outros mo-
tores.

2) Em astronomia : verá no ceu um
complexo de corpos sujeitos a leis in-
variaveis, que só narram a gloria de
Copernico, Kepler, Galileu, Newton,
etc.: admittirá o duplo movimento da
terra, a instabilidade de nosso globo, e
tambem crerá que o ceu narra *glo-
riam Dei*; tambem admittirá o erro
geocentrico, vendo em tudo isso uma
ordem perfeitissima.

3) Em physica : aceitará a actividade
da materia, a theoria da luz, a explica-
ção do raio. etc. sem que isso se com-
plique com principios sobrenaturaes,
com o *fiat lux*, com o raio vingador.

4) Em chimica : completará o con-
hecimento dos corpos inorganicos, sempre
activos, vendo-os em suas partes mais
intimas, comprehendendo o grande po-
der da modificabilidade humana, e nada
disto implicará desaccordo em suas
crenças.

5) Em biologia : estudará as leis da
physiologia, da pathologia, os effeitos
admiraveis do khloroformio, e crerá na
ressurreição dos mortos, na vida eter-
na, na appareição dos anjos, admittirá
a *força vital*, será um agiologo e um
agiolatra dos mais aferrados.

E assim vem o nosso homem aos
trambolhões, sem trelho nem trabalho,
até que chega á sciencia social, á poli-
tica, onde é completa a sua incoheren-
cia, onde contemplamos o typo acabado

do opportunistas sem idéias, do opportu-
nista hypocrita.

Ahi patenteia o homem todo o vicio
de sua educação; é ahi que o seu tiro-
cinio de hypocrisia apresenta bem as-
sazoados fructos; é então que mais
descomedidamente se manifesta o dua-
lista, que havemos de estudar no pro-
ximo artigo.

S. Paulo, 21 de Abril de 1887.

JOSÉ FELICIANO.

CAÇADAS

Nestes tempos de culto pagão por
Mercurio, acho mui conveniente acor-
dar o gosto pelo *sport* (como lhe cha-
mam os Ingleses), pela caça e exerci-
cios gymnasticos.

Quando ha tanta actividade para o
negocio e mercantilismo, acho de sa-
zão reagir, para que não seque de todo a
fonte de heroismo e acções nobres, e o
homem lembre-se da sua origem divina.

Foi por isso que fui á fazenda de um
amigo, no Bom Successo, a curar-me
de amargura na bocca, tristezas e doen-
ças, provenientes deste viver de cidade,
das misérias e pequenezas da vida.

Cheguei a casa : e com esse amigo fo-
mos a um logar mais afastado, deserto,
só habitado por caças.

Viajar é viajar, caçar é caçar, dizia
o velho Bueno, meu antigo companhei-
ro, enquanto atrás do nosso chefe ia-
mos ao logar da caçada.

E enquanto o Bueno ia me explican-
do longamente como os deveres de
caçador nos obrigavam a sofrer a vista
e desaforos de todas as caças, eu mira-
va o nosso chefe. Era elle um homem
de altura pouco acima da regular, bem
apessoado, agil e excellente cavallei-
ro. De feições regulares, moreno, sym-
pathico, mostrava ter alguns traços de
indio, o rosto bronzeado, e a corneta
que tinha o som da buzina india, con-
tribuia a essa crença.

De facto, diz Pedro Taques que F. de
Camargo, cognominado o Tigre, casou-
se no seculo XVI com a filha do chefe
indio, tendo depois se conservado pura
da mescla india a familia Camargo.

Talvez dahi venha a inclinação pela
caça e aventura dos Camargos, que
nisso se distinguem.

Era bonito ver-se aquelle longo es-
quadrão de cavallaria, que o dr. F. de
Camargo conduzia ao logar em que en-
tendia poder nos mostrar muita anta e
veado, em que já matára umas 60 an-
tas.

Caminhando adeante, de centos de
braças em centos de braças, de rosto
voltado para trás, com o corpo para
deante, soltava o chefe seis a sete no-
tas da buzina india que fazia alegrar
os cães e apressar os cavalleiros. Mais
leve que todos, o dr. Camargo faz o ani-
mal andar mais, passando pelos loga-
res mais difficeis.

O dr. Camargo foi desde estudante,
tão robusto quanto valente : e si teve
de 1850 a 1858 alguns que podiam com
elle lutar de braço, não teve superio-
res na lucta do corpo.

Tão servidor quanto alegre e brinca-
lhão, conta elle centos de amigos, entre
os quaes muitos que por elle dariam a

vida. Tem mais de cem aggregados aos quaes dá terras, e dizem os caipiras que não sabe negar um serviço, que todo elle é coração.

Tão intelligente quanto amavel e bom, é elle um elemento de ordem a que o logar muito deve, e é tão querido quanto respeitado.

O Bueno, que ia logo atrás do chefe, e de mim, é um typo que merece delle se falle. E' o typo do caçador, incapaz de mentir. E' um Epaminondas que nem brincando falta à verdade. Uma vez os amigos prometteram uma somma, para elle bem alta, pois, o Bueno não é rico, com mil réis, si elle os ajudasse em uma mentirinha: e no momento, o Bueno não pode deixar de manifestar a verdade.

Caçador mestre, ninguem dirá, ao vê-lo correr matto, que elle nasceu em 1821, e que hoje tem 68 annos.

O Bueno tem olhos azues, e seus cabellos brancos já foram louros. Elle é, entretanto, mestiço longe de indio. Creio que algum avô foi caboclo, tanta é sua inclinação ao matto e caça. A robustez é da raça fresca e nova dos Indios.

Si o espirito não é de tão superior quilate como o do branco, o corpo é muito superior, e dá qualidades que não se lhe podem negar.

Com estes excellentes companheiros e outros que seria longo enumerar, matámos 4 antas, 12 veados, e quantidades de outras caças.

Mas eu queria novidade. Tinha saudades das caçadas antigas, modestas, pobres, quietas.

Deixei os companheiros, e só com o Bueno, e poucos companheiros mais, procurei onças e porcos.

O Bueno é inseparavel companheiro, pois, o mesmo odio nos liga. Vota elle odio a todo o felino, desde que uma pintada comeu todos os seus cães. A pintada saltou sobre um cão e o matou.

O Bueno só tinha chumbo na espingarda, e com elle crivou a pintada que correu e fez-se acuar. E, fugindo, fazendo-se acuar, matando os cães em cada nova acuacão, os acabou a todos.

A mulher do Bueno vendo-o chegar só com os ajoios, perguntou-lhe: que é dos cães, nhô Antonio?

— A pintada matou, disse o Bueno tristemente.

— *Até o Cuitello?* perguntou-lhe a mulher com muita tristeza, pois, sabia o amor que o marido lhe votava.

— *Até o Cuitello,* disse o Bueno.

Dos olhos da mulher do Bueno brotou o pranto, que, dizem, o Bueno acompanhou com algumas lagrimas, grossas como bagas de uvas brancas.

Desde então, o mesmo odio nos liga, e o desejo de vingança nos faz andar atrás dellas.

Apezar de ser muito agradável a companhia, apezar do luxo, commodidades, vinhos finos, etc., quem sabe mesmo por causa disso, o certo é que, tendo-se dissolvido a companheirada, eu afundei no sertão com o Bueno.

Queria me achar a sós com a natureza, prover-me eu mesmo de carne, pois, que o caçador que não sabe matar caça não é digno de comer carne.

Mettemo-nos mais pelo sertão, fizemos rancho, e só buscámos rastros de onça e porcos.

Depois de tantas antas e veados, de cildas marcadas, em que se espera quasi com certeza de que ahi venham, queria o aventureiro, que não se espera, que pode nos atacar inesperadamente, que procura nos caçar.

Vimos muito rasto de onça. Mas, só ouvimos miados, á noite. Depois de vermos tanto rasto, esperavamos uma orkhestra de roncões durante a noite não deixar-nos dormir. Dormimos regaladamente. Um caçador onceiro veiu juntar-se a nós, por meu chamado; e com elle voltámos á primitiva paragem, em que uma onça estava devastando os porcos. Achámos carniça, que é o seguro meio de matar onças. Carniça é a caça que ella mata e cobre para voltar a comer de novo.

Soltados os cães, estes a levantaram e correram. A onça que era parda e de seis e meio palmos, corria pouco adiante dos cães, aos quaes voltava o rosto, e mostrava os dentes, contendo-os com o terror.

Um caçador a atirou: e refugiando-se ella em uma barroca, continha ainda os cães. Um perdigueiro, por mais recruta, chegou-se a ella e tomando bofetadas, que abriram fundas feridas, fugiu gritando. Um segundo tiro ao peito, prostou-a por terra, acabando-a os cães.

DR. JOAQUIM DE PAULA SOUSA.

O JABURU' OU TU'UIU' (*)

(MYCTERIA AMERICANA L.)

E' esta uma das aves brazileiras que merece a maxima attenção por parte dos lavradores em consequencia dos relevantes serviços que presta á lavoura.

O Jaburú, além de ser uma ave inteiramente inoffensiva, bonita e a maior penalta das duas Americas, não tem uma só qualidade que justifique sua perseguição, e não ha um só crime de que accusal-a. Vive sem molestar ao homem, nem aos animaes domesticos; respeita a propriedade e mostra, até certo ponto, uma especie de confiança, excepto, e muito naturalmente, em todos os logares onde a experiencia lhe mostrou que do homem só pôde esperar hostilidades e ser alvo de destruição irracional, não motivada senão pela ignorancia e o gosto de « atirar um bicho graúdo ».

E é realmente pena. O nosso Jaburú merece bem uma outra sorte.

E' talvez a ave mais quieta que possuimos, e parece um philosopho, quando descançando 'numa perna só, á beira de um rio ou de um tanque, com o enorme bico virado para um lado e um olho do lado opposto, espreitando com attenção algum movimento suspeito das pontas do capim ou do piry, que deve revelar-lhe a presença de alguma cobra ou de algum sapo para a primeira refeição do dia. Fica ella assim, immovel, qual estatua, ahi posta de proposito afim de quebrar a monotonia da solidão lacustre, á hora

(*) Debalde procurei achar a etymologia destes nomes. S. Exc., o General Couto Magalhães, me disse ser provavel ter alguma ligação com o suffixo *urú*, que quer dizer « carniça ».

de levantar as fraldas da neblina matutina, que 'nesta occasião quasi lhe apaga os contornos e deixa-a tomar o aspecto de uma ave phantastica mergulhada na mais profunda meditação.

E' com sincera tristeza que lembramos que então haja quem tenha coração de enviar a mortifera carga de sua espingarda a este animal, que de nada lhe serve, e que — quem sabe — talvez está prestes a livral-o de uma casavel, que sem o Jaburú talvez lhe poderá ser fatal.

Mas o homem é assim, os prazeres de seus desportos enlevam-n-o, e a alegria de ter feito uma boa pontaria é superior á satisfação de ter praticado um acto de consciencia.

Quem ahi paga é o nosso Jaburú, que á começa a ser raro, pelo menos na parte mais habitada da provincia.

Não lhe vae destruir as cobras, nem ser inoffensivo e, por cumulo do mal, a natureza fel-o grande e bonito, de que resulta ser elle mais perseguido ainda; elle, que parece mais proprio para ornamento de nossos jardins, tornando-se util, arredando de lá qualquer reptil venenoso que pudesse nos ser perigoso, e que devia antes ser criado e domesticado, pois, é perfeitamente domesticavel e aaceita com facilidade qualquer ensinamento.

Como prova dessa minha asserção, posso me referir aos Jaburús que havia no Passeio Publico, os quaes acudiam quando os chamavam pelos nomes.

Tendo eu durante um certo tempo que fazer nas vizinhanças do jardim, na volta do trabalho não me podia furtar ao prazer de visitar os meus protegidos, unicos objectos de historia natural que n'este lugar existiam. Meu fim principal era estudar o grau de intelligencia dessas aves, e ver si eram maiores ou menores do que as nossas aves domesticas.

No principio havia certa difficuldade em fazel-as vir separadamente, mas no fim de uma semana já o tinha conseguido com pedaços de pão e algumas bengaladas no bico. Aprendiam até a não tirar os pedacinhos de pão que eu tinha posto no chão, antes de dar-lhes signal ou tel-os atirado para cima para serem apanhados no ar. Até ahi cheguei, e teria talvez chegado a mais longesi não tivesse acabado o meu trabalho naquelle bairro, e si outros affazeres não me impedissem continuar tão agradável passatempo e — com licença — estudo.

Mas vamos agora tractar um pouco da sua historia natural.

Como já dissemos, pertence o Jaburú ao grande grupo das aves pernaltas das quaes é o maior representante nas duas Americas. Tem poucos parentes proximos, e na America só se conhecem 3 especies, que entretanto differem pouco entre si, e podem ser consideradas como primas-irmãs.

Na Europa conta ella algumas primas-segundas, na nobre familia das Cegonhas, que felizmente souberam conquistar os seus direitos como cidadãs uteis, pois, gozam de uma liberdade que a lei lhes confere, punindo qualquer outro cidadão bipede que lhes fizer mal.

E' bem conhecido quanto estas aves são estimadas na Europa, tanto que na antiga Thessalia havia pena de morte

para quem matasse uma Cegonha. E' verdade que hoje em dia perderam um pouco de seu prestigio, porquanto ninguém mais acredita que a casa onde habita uma Cegonha esteja livre do raio, mas ainda que não gosem mais do attributo de « para-raios », assim mesmo continuam a ser respeitadas pelas outras qualidades, e a lenda allemã ainda lhes attribue o augmento na familia, de modo que toda criança allemã acredita piamente que foi a Cegonha quem trouxe-lhe o irmãozinho.

Nas Indias Orientaes, Hindostão e Indo-China, tem o nosso Jaburú mais um parente, talvez thio, a celebre ave « Marabou » que goza de uma justa fama, pois, suas pennas caudaes são tão lindas, mas também tão escassas, que seu prego só permite ás princezas — sejam de sangue, sejam de fortuna — o usal-as como ornamento. (**)

Além disso, são ellas sagradas, pois, fazem parte integrante do culto Buddha, provavelmente por serem os destruidores implacaveis dos pequenos reptis venenosos em que o paiz abunda.

Fazem também o papel do nosso Urubú, ainda que não com a mesma perfeição. Em todo o caso, são protegidas por leis especiaes.

Já vem que sendo o nosso amigo Jaburú membro de uma familia tão distincta, toda ella protegida por lei, em consequencia da sua vida virtuosa, não ha razão alguma para admittir que só elle tenha degenerado.

Nós devemos, pois, seguir o exemplo dos outros povos, que pela sua maior antiguidade têm mais experiencia, e que, claramente, não poupariam a ave, si não prestasse bons serviços, porque, — e seja isto dito sem malicia — o egoismo humano é igual em todos os paizes, e nós só podemos lucrar em seguir um exemplo tão util quanto benéfico.

Appello, pois, para o bom senso em geral e para o bom coração em particular de todos os srs. amadores da arte de Nemrod, a fim de que poupem a vida do pobre do Jaburú, na certeza que Santo Humberto largamente os recompensará, dando outra caça mais difficil, mais succulenta e mais honrosa.

S. Paulo, 18 de Abril de 1887.

ALBERTO LOEFGREN.

(**) Peço que não se confunda estas pennas com as da Avestruz, as quaes são inteiramente diversas.

REGISTRO

Admiravel, mirobolante, feerica a exposição de flores, de enfeites e de outras cousas de bom gosto que faz o Garcia do Japão.

Ha allí plantas artificiaes que se supõem naturaes, e flôres naturaes que são julgadas artificiaes.

A natureza e a arte andam á compita, à qui mieux, mieux.

Voltamos de lá encantado...

Não queremos de modo algum que os leitores nos creiam sob palavra: vão, vejam, admirem e... comprem, que o Garcia está mortinho por vender.

Está no seu quarto anno, todo robusto e catita o *Diario Mercantil*.

Tres annos, tres longos annos de luctas, *quarum pars minima fuimus*, têm engrinaldado a frente ao Gaspar e mais ao Léo com os louros virentes de triumphos successivos (1).

E o *Diario Mercantil*, como o *Paiz*, tem também o seu Joaquim Serra, o homem incançavel, superior ao tempo, superior a si mesmo, cujas notas são mais infalliveis do que o papa, haja assumpto para ellas ou não haja: é o Felizardo, o delicioso Felizardo, o velho e tradicional *Felix Junius* dos tempos aureos do *Correio Paulistano*...

Bon gré, mal gré o *Diario Mercantil* é a folha mais interessante, é a folha mais lida de S. Paulo.

Aos tres bons rapazes (2) que o pilotam um abraço de arrebentar costellas...

(1) Tem graça, tem, o Gaspar e o Léo de grinaldas, assim a modo do padre Bakkho, de folgazona memoria.

(2) *Rapazes* e um modo de fallar.

Este adoravel qualificativo, a que nós quatro já perdemos o direito — ainda mesmo quando mentiroso, consola, alegra, porque recorda os tempos idos...

Emfim homens ha que são *rapazes* toda a vida, e nós somos desses.

PUBLICAÇÕES

Soberba, como sempre, a *Revista Illustrada*. Tem sido muito apreciado o sr. Mamoré de corôa, manto e sceptro, a fazer gaifonas ao espelho. Nós, porém, mais do que tudo nos diliciamos com a *étalage* dos corypheus da imprensa da côrte, ao receber pela manhã os *mimos* que diariamente elles fazem uns aos outros. O Patrocinio está impagavel, o Guanabara divino. Quanto ao Bocayuva, sempre pedantescamente correcto, apuramado sempre... até em caricatura.

S. Paulo Independente é o titulo de um folheto em que enfeixou Martin Francisco varios trabalhos seus, referentes á magna causa da independencia paulista.

Aquillo é um corpo de delicto do imperio, da união hybrida de dez regiões diversas, que se ajunctam em monstuoso e repellente connubio, para servir com viltá a uma familia de tyrannos, que nem em nobreza é *sans reproche*, porque lhes desfigura o brasão uma cótica diagonal.

Abraçamos a Martin Francisco, ao denodado companheiro.

Bohemia do Espirito...

Mas é um novo livro de Camillo, de Camillo Castello Branco, do *pontífice maximo*, do deus vivo do fallar portuguez.

Que ha ainda a acrescentar!

Fanátizado desde a nossa puericia pelo dizer magico do Visconde de Corrêa Botelho, admirando-o até em suas fraquezas como se admira o sol até em suas manchas, adorando-o, prestando-lhe culto a elle, mesmo em effigie, que mais poderemos dizer do que o que já dissemos — a *Bohemia do Espirito* é um novo livro de Camillo, de Camillo Castello Branco.

Sim... temos a acrescentar — VENDE-SE EM CASA DOS SRS. TEIXEIRA E IRMÃO, a quem agradecemos a offerta de um exemplar.

O *Discipulo* chama-se uma publicação academica muito conhecida e apreciada: recebemos o numero 8 do anno IV. Com o titulo — *Questões de Philosophia* — reedita uma serie de artigos do chorado mestre Galvão Bueno, outrora publicados na *Lucta*.

A *Penna* é o nome com que vai breve apresentar-se ao publico mais uma folha academica: tudo leva a crer que será bem redigida e fará carreira.

Desejamos-lhe mil venturas.

Vida Semanaria, como indica o titulo, é uma excellente revista hebdomadaria, redigida por estudantes de nomeada.

Esplendido o ultimo numero, cuja remessa agradecemos.

DE NOBIS

Lê-se na *Vida Semanaria*:

« O n. 10 d' *A Procellaria* de Julio Ribeiro.

E' como todos sabem um dos jornaes mais energicos do Brazil.

Julio Ribeiro creou-o mesmo para esse fim, para dizer tudo pelo seu nome, francamente.

Este ultimo numero, a par de um vigoroso estudo sobre um manuscrito do *Hyssope* de Diniz, traz um artigo denominado *Folia*, onde Julio Ribeiro com uma independencia semelhante á de Zola, ri de certos escrúpulos burguezes, defende os bellissimos versos de Ovidio.

Só quem não comprehende a influencia magica do meio-dia — hora em que nós sonhamos com deusas pagãs, á sombra de grandes arvores frondosas, poderia mostrar a carranca do redactor da *Gazeta de... Botucatu*. »

Lê-se na *Gazeta de Capivary* de...

Melhor é não se lêr: a moxinifada da folha fragueira é como a espada de Carlos Magno — comprida e chata.

HISTORIA DO BRAZIL

DESCOBRIMENTO DO MARANHÃO

(Fragmento de um manuscrito de 1815, de auctor desconhecido).

(CONTINUAÇÃO)

Retirados os Hollandezes em 1643, ficou a Ilha do Maranhão na nossa obediencia, situada ao S. da Equinocial, 2º 30'. Tem forma oval pelo espaço de 9 leguas, pouco menos de largo; seu perimetro de 30, rodeada de mar pelo N. L. e O.; pelo S. a dividem da terra firme os caudalosos Rios Moni, Itapicuru e Miari ou Maranhão, de que tomou o nome, que expriado ao entrar no Oceano, formam uma dilatada bahia com mais largura do que fundo, donde com artificio abertos se mostram varios es-

treitos, ou logares na lingua tapuya, que, retalhando muita parte da terra, por ser baixa, dão serventia facil aos agricultores, que do interior da ilha recolhem varios generos, e conduzem em canoas o importante á fabrica de grossas fazendas, que, cultivadas sem demasiado suor, tributam aos donos o util nos fructos; nas plantas, o delectavel.

Na ponta do angulo que forma a terra entre o canal que faz escala principal das embarcações que demandam aquelle porto, e o Estreito del Antonio, está situada a cidade de S. Luiz, capital daquelle estado, habitação hoje grande, mas que ao principio viveu entre madeiras cobertas de pindova, de que ainda hoje se conservam vestigios.

E' cidade aberta, mas algumas plataformas a cercam, e da terra espessos mattos, que umas vezes lhe servem de sombra, outras vezes de muro para a defesa.

Alguns logares sem nome, que nas vizinhanças da costa são habitados pelos Portuguezes, pertencem á cidade de Belém do Grão Pará, hoje cathedral pelo Sr. Rei D. João 5º, que impetrou do Summo Pontífice a divisão daquelle diocese da do Maranhão, nomeando para seu 1º bispo D. V. Bartholomeu do Pilar, religioso da Sagrada Ordem de N. S. do Carmo, prelado de grandes virtudes.

Este estado comprehende o Amazonas, que, tendo as suas vertentes nas serras do Perú, atravessa a dilatada região das Amazonas, de que tomara o nome.

No comprimento do seu curso discorrem os escriptores: uns lhe dão 1.800 leguas de curso; outros 1.200, e alguns, de alguma autoridade, lhe dão 3.000, e na embocadura da barra, uns lhe dão 20, outros 40 leguas.

Do ultimo terreno do sertão, posto que desprezado, se colhe o ouro, a prata, pedras preciosas, diversas qualidades de madeiras da maior estimação, muito pau, cravo, canella, pimenta, cacau, salsaparrilha, tabaco e assucar, que fazem o seu ramo de commercio.

Conseguida a paz, ficaram os habitantes vivendo em socego, porém, depois de alguns annos sentiram-se algumas inquietações populares, que advertidas dos governadores, as socegarão facilmente; porém, não de todo porque, se guardaram, nas cinzas daquelle incendio, o odio e a má vontade. Em 1684, em que governava o Estado, Francisco de Sá e Menezes, como a labareda, si occultada no soffrimento, e si achada, por oprimida, violenta, rebentou como mina, com ruina igual ao segredo.

O tumulto em que vagou o povo sublevado, causou cuidado ao Reino, a Gomes Greire, trabalho em extinguir o incendio ateado.

Chegou o governador Francisco de Sá e Menezes ao Maranhão, e foi recebido com aclamações de alegria. Acabados os dias dos parabens, resolveu dar execução ás ordens que trazia, para cujo effeito tinha já disposto muitos animos: de uns tirava informações dos males que soffriam os povos, de outros se instrua dos erros que haviam commettido os magistrados, de cujos erros tirava-luzes para o seu acerto.

Bemquistado com os grandes, a quem facilmente se arrima a plebe, foi com enfeitada lisura perguntando a cada um os meios de remediar os males que padeciam os moradores daquelle estado. Alguns lhe apontaram os que do Reino lhe vieram por regimento; confirmou esta opinião com razões de jurista, e respeito de soldado. Os que tinham opinião contraria, viram-se obrigados a seguir aquillo mesmo que refutavam.

Seguiu-se a publicação de uma lei, ao som de caixa, que estabelecia o contrato das Fazendas por estanco. Como este decreto de S. M. tinha já muitos afeiçoados, por representar grande beneficio ao negocio, foi recebido com universal applauso, e sem duvida seria o mais util, si a ambição de alguns não alterasse os preços dos generos.

Pouco tempo passou, que a experiencia não mostrasse o prejuizo que resultava da avareza de alguns, ficando o commercio usura, pois, faziam observar o lei dos preços ás fazendas, faltando-lhe o valor intrinseco; disto se começaram a sentir aquelles vassallos, por se verem enganados.

Cresceu em demasia a cobiça dos interessados, passando a apurar a paciencia de alguns malsoffridos, os quaes, vendo que o que se inventou para remedio se tornava 'num mal, recorram ao superior; mas como as vozes das queixas articuladas de longe, ou não chegam aos ouvidos do ministro, ou fazem tão confuso o ekho, que se não deixam perceber, ficou oprimida a virtude de uns pelo vicio dos outros, todo o tempo que o respeito e o temor, se conteve nos seus limites, até que desenganados intentaram sacudir o jugo.

Começou por uma ligeira murmuração, de que ao principio se não fez caso; e, como no desprezo lhe faltasse a reprehensão ou o castigo, foi com o tempo tomando forças maiores, crescendo com tanto excesso o numero dos descontentes, que resolveram negar a obediencia, levando consigo o povo, sempre prompto a seguir partidos: allegavam, como incentivo, a violencia dos ministros — cores com que encobriam a sua rebellião.

(Continúa.)

AGENCIAS

- MASCOTTE, rua Direita, n. 9.
 CHARUTARIA do Terraço Paulista.
 TEIXEIRA & IRMÃO, rua de S. Bento, n. 54 A.
 Rua da Assembléia, n. 70.
 CHARUTARIA, Largo da Sé, ns. 1 e 2 A.
 EDUARDO PONS & COMP, rua de S. Bento, n. 27.
 AUX MILLE FLEURS, Michel Loeb, Largo do Rosario.
 CHARUTARIA ORIENTAL, largo Municipal, n. 19.
 LINO DE ATHOUGUIA, Marco de Meia Legua, n. 241.
 Largo de S. Bento, n. 14.

ANNUNCIOS

CASA HAVANEZA

ARTHUR CAMPOS & COMP.

LARGO DO ROSARIO, n. 6

Sortimento completo de charutos de Havana, Hamburgo, nacionaes e de bilhetes de loteria.

Variedade de cigarros e fumos de todas as qualidades, e artigos para fumantes.

S. PAULO

AO PINDAHYBA

Compra e vende mobílias

RUA DA FUNDIÇÃO

Ha sempre nesta casa um grande sortimento em louça de porcellana, pó de pedra, chineza, crystal, etc.

Objectos não encontrados no Museu Sertorio procurem no

PINDAHYBA

PEDRO P. BITTENCOURT & COMP.

RUA DE S. BENTO, 36

S. PAULO

Importam directamente dos melhores e mais aperfeiçoados fabricantes os seguintes artigos que constituem a ESPECIALIDADE de sua casa:

Vidros para vidraças; papeis pintados nacionaes e estrangeiros para forrar casas; vidros de cores e de espelhos; transparentes e cortinas para janellas; tapetes para forrar salas; tapetes em peças (tamanhos diversos) e capachos; espelhos ovaes e quadrilongos, com molduras douradas; escadas americanas; oleados para mesas e escadas; molduras de estylos modernos para quadros; papel e tintas de impressão, etc.

CHARUTARIA

DO

TERRAÇO PAULISTA

AUGUSTO HANTS

Charutos de todas as qualidades, fumos e outros artigos para fumantes, e os superiores CIGARRÓS JOSE' BONIFACIO.

LARGO DE S. BENTO

Para esta folha recebem-se annuncios.

CASA GARRAUX
FISCHER, FERNANDES & COMP.
 40, RUA DA IMPERATRIZ, 40
 S. PAULO
 15, RUE D'HAUTEVILLE, 15
 PARIS

A livraria desta casa, justamente reputada uma das primeiras do Imperio, possui constantemente um immenso sortimento de livros de todo o genero e em todas as linguas: Portugueza, Franceza, Allemã, Inglesa, Italiana, Hespanhola, Latina, etc., etc.

A livraria GARRAUX pode offerecer grandes vantagens aos directores de collegio ou estabelecimentos de educação, aos professores que a ella se dirigem directamente. O sortimento de livros classicos nada deixa a desejar; é o mais completo possivel.

De ha muito que a livraria GARRAUX, provou exuberantemente que seus preços são mais moderados, quasi sempre, do que os do Rio de Janeiro, e que seus freguezes tinham vantagem incontestavel em dirigir-se a esta casa que, estabelecida ha vinte cinco annos na capital da provincia, offerece todas as garantias de honestidade e estabilidade desejaveis.

Aconselhamos a todas as pessoas que tiverem necessidade de livros que se dirijam directamente á livraria GARRAUX, que, pelo seu immenso sortimento, póde attender á todos os pedidos.

Encarrega-se de qualquer encomenda de livros para a Europa.

Recebe-se assignaturas para todos os jornaes da Europa.

Os catalogos da casa são enviados gratuitamente ás pessoas que os pedirem.

CASA MASCOTTE

9 — RUA DIREITA — 9

Novidades, modas e armarinho

O maior e mais variado sortimento de objectos de

MODAS E ARMARINHO

só é encontrado actualmente na

CASA MASCOTTE

9, RUA DIREITA, 9
 S. PAULO

Winchester Shot Gun

To be sold an american breech loading central fire double barreled shot gun, made by the Winchester Repeating Arms Company, top-lever, snap action, left barrel choke bored, caliber 12, with cartridge loading apparatus.

The best article one can search for; impossible to be found in any market in Brasil.

Price 250\$000 réis.

Rua da Assembléa, 70.

This gun is absolutely new and has cost 200 dollars in the United States.

MENEZES & COMP.

RUA DA BOA-VISTA, 1

Esquina da rua da Imperatriz

Compram e vendem, por conta de terceiros, predios, terrenos, acções de companhias e bancos, apolices, lettras hypothecarias, etc.

FABRICA DE CIGARROS PAULISTANA

DE

AUGUSTO HANYS & COMP.

Nesta bem montada fabrica encontra-se sempre um grande sortimento de cigarros de todas as qualidades, tanto nacionaes como estrangeiros, assim como:

**CHARUTOS HAVANA
 HAMBURGO**

E BAHIA

Fumos desfiados em pacotes de todos os fabricantes



**CHARUTOS HAVANA
 HAMBURGO**

E BAHIA

Fumos desfiados em pacotes de todos os fabricantes

Fumos Rio Branco a 5\$000, e Progressista a 2\$500

OS CIGARROS JOSÉ BONIFACIO

são encontrados no Terraço Paulista, café Java, Rio Claro, Avenida n. 2 e Rio de Janeiro, rua de Gonçalves Dias n. 20.

LARGO DE S. BENTO, 14

AGENCIA DA PROCELLARIA

Charutaria Oriental

19, LARGO MUNICIPAL, 19

KANS & CASTRO

Nesta casa encontram-se charutos de todas as qualidades, nacionaes e estrangeiros,

Fumos de todas as qualidades e artigos para fumantes.

S. PAULO

MARGENARIA

DE

Joaquim Elias da Silva Bueno

111 RUA DE S. JOSÉ 111

Esta antiga marcenaria vende, concerta, troca e aluga moveis; prepara casas para bailes e jantares.

S. PAULO

TYP. J. LOUSADA & COMP. RUA DA BOA-MORTE, 14